

JOSÉ AFONSO Um Quixote tirado da costela de Sancho

por BELINO COSTA

Noutras circunstâncias, noutro tempo, talvez nunca tivesse subido a um palco, por nada trocando a calma de um passeio à beira-mar ou um mergulho ao fim da tarde nas águas da Fuzeta. Naquelas em que viveu, Sancho tornou-se Quixote. Com ele morre o único grande mito popular da geração de 60.



Descalço à beira-mar na sua Fuzeta

Luz de diamante fel de militante

Há dois equívocos sobre Zeca Afonso que interessa desarmar para o ouvirmos como ele merece: o primeiro diz respeito à música e à poesia que fez, o segundo ao tipo de homem que foi. Zeca Afonso nunca foi um autor de música ligeira: foi um clássico que ressuscitou, numa solidão exemplar, a lírica e a sátira que, entre nós, conta oito séculos de idade. É essa ponte entre a criação contemporânea e a poesia e a música dos séculos só podia ser feita por um homem que fosse, ele próprio, em larga medida, um medieval disparado em tempo alheio: andarilho, herético, deserdado, vendicante, solitário, errante, justiceiro, e por tudo isso simultaneamente idolatrado e mal-amado.

Clássico e medieval, portanto. É que ele tenha escrito directamente para a música que cantava, que a sua escrita e a sua música tenham tantas vezes a limpidez e a dureza do diamante, sendo ao mesmo tempo tão imediatamente populares, eis o que manifesta um dom espantoso: o de dizer a morte e a vida, a infância, a ingenuidade extrema e pungente, mas também a pressão da guerra social, através de um imaginário elementar que se

quis parceiro e cúmplice do «non-sense» e da acção esteticamente lúdica: Ninguem como ele prende a uma história cantada, chama lágrimas e risos com a pureza da harpa e do alaúde.

Zeca Afonso foi também o grande monstro sagrado da geração de sessenta, e com ele morre o último dos mitos dessa geração. Ele que estava mal em palco e que, carregando-se de gestos desajeitados, recusou sempre ser vedeta, acabou tornando-se numa, mas política, mercê da multidão de compromissos a que não quis dizer não. Dele se dirá com justeza que atravessou toda a esquerda, muitas vezes de mais modos, testando em todos os pés o seu sapato de utopista, e acumulando sucessivos desencantos.

De nada lhe serviria sonhar-lhe agora a identidade dos seus compromissos e também a sua errância, que fizeram parte integrante do homem, do músico e do poeta. E também de nada serviria ignorar-lhe o génio e a poderosíssima capacidade de interpelar todo e todos com a sua grande arte: muito do que temos de melhor e de pior está nele cantado.

João-Maria Mendes

Corria o mês de Novembro de 1981 e nos «placards» do Metro de Paris, nas ruas, aparecia um cartaz anunciando a presença de José Afonso — de 10 a 14 — no Théâtre de La Ville. O reclame chamava a atenção, destacava-se pela fotografia. Sentado em descanso, tendo por fundo uma parede nua, Zeca Afonso, de colarinho aberto, casaco dependurado no ombro, mãos caídas, boina na cabeça, mais parecia um espectador entre vedetas, de sorriso irónico e olhar distante.

Ao retrato da rua veio juntar-se a notícia nos jornais, necessária à lenda.

«Um dinossauro em Paris», afirmava o «Libération», para, pouco depois, explicar: «Em breve não haverá mais Zecas Afonsos para cantar as misérias do mundo e do Terceiro Mundo.»

Épico era o texto do «Libé», elogioso do «Parisien»: «José Afonso deu à canção portuguesa uma nova respiração, um novo impacto.» Pelo seu lado, o «L'Humanité» sublinhava: «A repressão policial, a censura,

não conseguiram fazer calar a sua voz, pelo contrário. Foi uma das suas canções, 'Grândola Vila Morena', que serviu de senha para o eclodir da revolução dos cravos.»

Do «Le Monde» ao «Témoignage Chrétien», muitas foram as referências, destacando uns o cantor, outros o poeta, outros ainda a figura cívica, o homem, o músico, o antifascista, o...

Quase nada foi esquecido pelos jornais parisienses. Mas nenhum deles foi capaz de suspelar que, aos 52 anos, José Afonso vivia em Paris uma quase estreia. Realizar uma série de recitais num teatro central, ser artista convidado sem outra causa especial que não as próprias canções, a sua música...

«O único espectáculo que fiz», contava-nos ele então, «foi um meio espectáculo com três músicos, na Aula Magna, e recebi por ele um cachet de 20 contos. Foi o único espectáculo semiprofissional que fiz até agora.»

Para quem de Zeca Afonso pouco mais conheça que o nome, a revelação pode parecer estranha. Então não era ele cantor desde os anos sessenta?

Palanque de estrelas

Cantor é palavra que não basta para definir um artista tão genuinamente popular que até começou por cantar na rua:

«As minhas primeiras veleidades de cantor surgiram quando andava no sexto ano do liceu, em Coimbra. As noites passavam-se em deambulações secretas pela cidade, acompanhado por meia dúzia de meliantes da minha idade, amantes inconsequentes da noite. Com uma guitarra e uma viola fazíamos a festa. Estávamos ainda longe do hieratismo triunfal das serenatas na Sé Velha, diante de multidões atentas e respeitadas. O velho Flávio Rodrigues continuava a ser o 'mestre', venerado por um pequeno discipulado de guitarristas e acompanhadores, que

20-5-83

Periscópio

Zeca Afonso: um abraço, uma medalha e um espectáculo

Zeca Afonso recebeu por carta um «abraço revolucionário» dos participantes no Concerto pela Paz e a Não Intervenção na América Central, que decorreu em finais de Abril passado em Manágua, capital da Nicarágua. A mensagem, assinada por doze nomes entre os quais se contam Chico Buarque, Pete Seeger e Daniel Viglietta, termina assim: «Compañero José Afonso: tu combates el nuestro».

O compositor e cantor será

homenageado no próximo dia 26 com a Medalha de Ouro da Cidade de Coimbra, por decisão unânime da Assembleia Municipal, sob proposta de António Portugal, do PS, guitarrista (e compositor) bem conhecido, que acompanhou José Afonso nos seus primeiros anos de cantor de fado de Coimbra.

No dia 25, José Afonso dará o seu anunciado espectáculo no Coliseu do Porto, cuja lotação se encontra esgotada.